

Um ensaio sobre a experiência de leitura e o devir do livro eletrônico

Carina Ochi FLEXOR; Cleomar ROCHA; Elias BITENCOURT

Sobre a crise da materialidade livresca.

Investigar os novos rumos que a experiência de leitura tem tomado a partir da formação da cultura digital é, antes de tudo, compreender o livro a partir de uma perspectiva vanguardista e prospectivamente líquida¹. Como resposta a uma cultura do acesso, a matéria livresca há de se configurar não a partir de uma estrutura preconcebida, mas do contrário, com base em uma estrutura maleável aos diferentes suportes que haverão de se apresentar e atualizar no ritmo veloz e crescente que marca a cibercultura.

Assim, contrariando as apropriações indébitas do termo livro digital por parte da literatura, a natureza da cultura digital não permite mais que se defina o objeto em questão a partir do suporte sobre o qual se acomoda. Do contrário, o termo digital mais que referente ao meio, diz de um movimento cultural que atravessa não apenas o livro, mas o perfil cognitivo do leitor e os respectivos processos de subjetivação presentes quando da interação entre as partes em um caminho de convergência e fluidez. O livro digital propriamente dito se mostra enquanto um devir que aguarda a transição de uma era de convivência entre leitores de perfis cognitivos distintos - o contemplativo, o movente e o imersivo²- e delineados a partir de formações culturais também diferenciadas, mas que coexistem na contemporaneidade, em meio à cultura digital. Não diferindo, o livro move-se também no sentido transitório da convivência de mídias, dos modos de articulação entre as matrizes de linguagem e de apresentação e apropriação da matéria livresca. Diz-se isso apoiado no fato de que as diferentes formas de conformação, adotadas pelo livro no momento, mais se mostram enquanto resultados experimentais de tentativas para solucionar a crise da materialidade livresca - sofrida pela demanda da disponibilidade instaurada pela cultura das mídias -, que produtos legítimos e nativos de uma cultura digital propriamente dita.

Diante dessa nova forma de objetualização do conteúdo livresco, o livro é apreendido como vetor resultante de uma relação de linguagens que se apresenta ao leitor por meio da interface gráfica, deixando à margem da sua percepção a existência do somatório de *hardware*, *software* e arquivo. Tal questão torna, a priori,

a relação leitor-livro, no contexto da cultura digital, fundada em bases metonímicas, visto que o leitor somente percebe a parte que lhe é dada a ver: a interface gráfica.

Frente a esse contexto de transição instaurados nos dois pilares - sujeito/objeto - e, conseqüentemente, na dimensão da relação entre eles, pode-se observar que no nível do sujeito há a convivência entre diferentes perfis de leitor, que carregam consigo modos distintos de perceber e interagir com esse livro que hoje se apresenta bem distinto, se comparado com tempos passados. No nível do objeto, tem-se um livro que se manifesta em processo de desconstrução, se desfazendo, aos poucos, das estruturas, formas e suportes que outrora o definiram, rumo a caminhos mais fluidos, em devir.

No campo das relações entre as partes, a realidade é ainda mais nebulosa. Vê-se uma experiência de leitura que, embora potencializada em níveis especulativos, dados os avanços dos meios e da cognição dos usuários que caminham rumo a possibilidades mais complexas, ainda se verifica, na prática, um caminho longo a ser percorrido. Os produtos livrescos disponíveis para dispositivos digitais ora tendem a despertar uma suposta aceitação, ora rejeição por parte do leitor, revelando uma dicotomia própria dado os perfis cognitivos distintos. Percebe-se, entretanto, que tal rejeição, antes de tudo, se dá a partir de relações distintas estabelecidas com a matéria livresca. Se por uma perspectiva tem-se um livro que se apresenta com limites e possibilidades já aquém das demandas cognitivas dos novos leitores (imersivos), por outra, percebe-se um livro que liquêfaz os baremas que construíram a experiência perceptiva dos sujeitos de eras anteriores.

Neste ínterim, verificam-se ainda aqueles que, seduzidos pelo fetiche das mídias, ainda se vêem incapazes de posicionamentos críticos e meta-análises do processo de experiência dos *ebooks*, tornando as afirmações acerca de uma verdadeira experiência imersiva³ e nativamente digital para com o objeto livro eletrônico um discurso deveras prospectivo.

Trazer à baila a experiência de leitura enquanto dimensão a ser analisada, entretanto, prescinde, como dito, compreendê-la enquanto campo relacional em que se plasma o binômio sujeito/leitor-objeto/livro, par em constante e interdependente processo de transformação/evolução. Por fim, vale frisar que objetivando evidenciar as possíveis amplificações da experiência sensível quando do processo de leitura do leitor-navegador diante da imaterialidade livresca da contemporaneidade, o presente

artigo toma uma análise da experiência de leitura do livro-matéria em comparação com as possibilidades que se apresentam, quando do livro-imaterial.

Em função do objetivo exposto, a pesquisa em questão foi guiada por uma orientação metodológica que observa o pensamento lógico indutivo, tendo os dados levantados a partir de pesquisa empírica e bibliográfica, fazendo uso dos procedimentos analítico/sintético como orientações de discussão e resultados.

Experiência de leitura: o leitor-navegador

Assentado nos pressupostos de mediação social e do papel de veículo entre o pensamento e a comunicação exercido pelo signo, endossa-se que a construção da experiência semiótica é preponderantemente subjetiva e determinada por variáveis de ordem pessoal/repertorial forjadas no âmbito da cultura. Se as relações entre sujeitos se mostram mediadas pelas imagens que cada sujeito traz do par com o qual se relaciona, assim também a experiência da leitura se constrói não pelo ato de interação com o objeto-livro em si, mas é preponderantemente determinada pelas experiências subjetivas construídas e internalizadas pela mente interpretante que particularizam o signo livro para cada leitor e, por isso, dão um tom de unicidade à experiência de leitura.

Muito embora tais constatações não figurem, em absoluto, enquanto novidade, há de se considerar as mudanças significativas que tocam o perfil dos leitores, a estrutura do livro e o modo de apropriação da informação em vigor e que muito diferem dos padrões livro-leitor já estabelecidos na tradição cultural livresca. A cultura das mídias, em seu caráter transitório (SANTAELLA, 1996), estabelece, no nível do objeto, novos limites advindos quer pela convivência de múltiplas mídias e diferentes articulações destas com as matrizes de linguagem também coexistentes, quer pelas demandas de disponibilização de conteúdos em níveis amplificados pelas novas tecnologias. Põe-se assim em xeque a materialidade que outrora definiu o livro e, por conseguinte, a idéia de livro enquanto signo culturalmente e individualmente construído. Desta forma, tem-se, no nível do sujeito, modificações estruturais que afetam a esfera da experiência sensível e acabam por denunciar mudanças e conflitos quando da internalização deste enquanto signo.

Entendendo, então, que a experiência de leitura é antes de tudo uma idéia tingida de subjetividade que o leitor internaliza a despeito do signo-livro a partir da sua relação com o mesmo em meio a cultura na qual está inserido, há de se

considerar que a convivência entre leitores advindos de eras distintas diz também da convivência entre diferentes modelos mentais de livro e que carecem de ser observados quando da concepção projetual deste, no contexto da cultura em curso. Dito de outro modo, se a experiência de leitura se vê mediada pela via do signo, e concretizada por meio da interface gráfica, qualquer que seja a conformação que venha assumir o objeto-livro, sua concepção precisa prever tais referências subjetivas/culturais relativas à percepção do leitor no sentido de propiciar pistas que permitam a este experimentar o conteúdo livresco de modo mais intuitivo e transparente – *affordance*⁴.

Quanto à experiência de leitura desse leitor-analógico, quando da sua relação com o livro-material, pode-se afirmar que a mesma sempre foi pautada pela experiência sensível dada a partir de bases preferencialmente potencializadas pela dimensão ora textual, ora imagética. Em sendo sua base material, há de se destacar, os recursos advindos dos processos e materiais gráficos que permitiram e ainda permitem que a experiência seja polissensorial, explorando, como por exemplo, recursos como aplicações especiais sensíveis ao tato. Em outra medida, pode-se também destacar que quando o livro impresso se apresenta expondo somente a dimensão textual em uma diagramação simples, sem recursos imagéticos, as imagens se apresentam ao leitor, conforme CALVINO (2008) afirma, em sua base minemônica-associativa, permitindo que esse sujeito construa as imagens do que lê com base nas suas experiências e repertório.

Quanto ao objeto-imaterial-digital, o livro se desobjetualiza tornando-se visível ao leitor somente quando da atualização da interface gráfica. Dito de outra forma, é a interface do dispositivo de leitura em análise a responsável pelo acesso e condução da experiência de leitura. A relação ou experiência de leitura pode ser entendida no viés da amplificação da experiência sensível de leitura fundada na base tecnológica na qual o livro hoje se apresenta, valendo destaque para o uso amplificado da matriz visual e sonora, bem como a convivência (em vias de convergência) das mídias até então conhecidas. A tecnologia, bem como os avanços quanto as interfaces gráficas cognitivas, em dispositivos cada vez mais avançados, permitirão, cada vez mais, que o leitor-navegador interaja com a matéria livresca de modo a experimentar leituras cada vez mais imersivas.

Considerações parciais

Face ao discutido acima, enxerga-se a necessidade de se pensar o livro enquanto produto de uma cultura em transição. Momento marcado pela convivência entre diferentes mídias, perfis cognitivos de leitor e modelos livrescos internalizados que, embora prenunciem a esperada convergência característica da era digital, ainda não galgaram tal *status*. Assim, o livro, também em transição, precisa ser pensado para além da materialidade, dos modos de distribuição e objetualização até então vinculados historicamente. Embora ainda se perceba as contaminações, perdas de referencialidade e mimetismos exagerados, os *appbooks* atuais retratam o esforço em se conceber um objeto em crise, transferindo para a via metafórica as tarefas antes realizadas no campo da experiência direta, buscando atender leitores que vem, sem perder os que foram e ainda serão.

Destarte, o objeto livro digital carece reflexões que tomem as referidas exigências impostas, tanto no nível do sujeito quanto do contexto que o abarca de modo a ser objetualizado a partir dos novos paradigmas que fundamentam a dita cibercultura. Diante do exposto, finda-se esse artigo com a certeza da necessidade de manter-se atento às transformações promovidas no universo livresco ora em curso e suas consequências no âmbito da cultura contemporânea, apesar de toda a incerteza, própria do devir.

Notas:

1. O termo líquido é usado aqui em referência a metáfora de liquidez do suporte digital. 2. Tipologia defendida por Lucia Santaella (2004). 3. O termo imersivo é usado toma como referência a ideia de imersão perceptiva de Janet Murray. 4. *Affordance* é a capacidade de um objeto indicar o modo do seu uso, em uma relação intuitiva, segundo NORMAN.

Referências bibliográficas

- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FLEXOR, Carina. A matéria visual, o livro digital e a cultura livresca: limites, contaminações e possibilidades, 2011.
- NORMAN, Donald. Design dia-a-dia. São Paulo: Rocco, 2006.
- ROCHA, Cleomar. *Interfaces cognitivas*. Exposição instinto computacional. Org. Suzete Venturelli. Brasília, 2009.
- _____. Metáfora, metonímias e outras velhas figuras de linguagem na poética tecnológica. Org. Suzete Venturelli. Brasília, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996
- _____. *Navegar no ciberespaço – perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.